

**Análise da relação e da destinação dos resíduos sólidos e dos restos numa comunidade rural**

Mônica Martins de Godoy Fonseca

Mestre em Análise e Modelagem de Sistemas Ambientais – IGC/UFMG  
monicagodoyfonseca@gmail.com

Sergio Donizete Faria

Departamento de Cartografia - IGC/UFMG  
sergiofaria@ufmg.br**Resumo**

Este trabalho busca compreender a relação existente entre os resíduos sólidos e suas implicações na vida dos seres humanos. Íntima ligação do lixo com o modo de vida, com as relações sociais e com os vínculos que se estabelecem entre as pessoas, é o que se percebe por recurso à ampliação do conceito de lixo e da trajetória por ele assumida ao longo dos tempos. Assim, pretende-se estabelecer uma relação entre resíduo e resto: resto como conceito psicanalítico que designa o que sobra das operações psíquicas vividas por todos os sujeitos. Assim, levanta-se a hipótese de que o sujeito lida com o lixo da mesma forma com que lida com seus restos. Para avaliar a consistência dessa hipótese, foi realizada uma pesquisa de campo na comunidade do Azevedo, situada na zona rural do município de Moeda – MG, encosta oeste da Serra da Moeda. Os conceitos de análise ambiental foram utilizados para lidar com os dados levantados. Desse empenho, resultou um diagnóstico socioeconômico e ambiental da região estudada.

**Palavras-chave:** Resíduos sólidos. Restos. Modos de vida. Comunidade rural. Modelagem ambiental. Modelo.

**Analysis of the relationship and destination of solid waste in a rural community****Abstract**

The aim of this work is to understand the relation between solid waste and its implications in the people life. By considering an enlarged use of the concept of waste and his trajectory throughout the times, we can note a close connection between the garbage and the people's way of life, their social relations and bonds. The aim is to establish a relation between waste and remnant by considering this last concept as a psychoanalytic one that designates what is remainder from psychic operations experienced by all people. Thus arises the hypothesis that the subject deals with the waste in the same way as he deals with its remains. To evaluate the consistency of this hypothesis, we conducted a field survey in the community Azevedo, located in the rural municipality of Moeda – MG, western slope of the Serra da Moeda. The concepts of environmental analysis were used to handle the data collected. This effort resulted in a socioeconomic and environmental diagnosis of the studied region.

**Keywords:** Solid waste. Remains. Way of life. Agricultural community. Environmental modeling. Model.

**Introdução**

Muito se tem dito a respeito do significado da existência dos resíduos sólidos na vida e na história da civilização. Eles indicam a presença dos seres humanos por onde quer que passem. Apesar de ser um indício da passagem dos homens por determinado lugar, ou seja, uma marca da produção humana, o lixo (nome popular do termo técnico resíduo sólido) não tem sido considerado como parte das obras que caracterizam a civilização. Mesmo assim, continua sendo um legado da humanidade, ainda que não seja motivo de orgulho.

Ao contrário do que se pensa, questões relacionadas ao lixo não são específicas à modernidade. As sociedades sempre transformaram o meio em que viveram e com isso produziram resíduo: em todos os tempos e espaços, ele se faz presente. Estando unidos intrinsecamente ao mundo dos objetos materiais, estamos também ligados permanentemente aos resíduos, visto que a grande maioria das intervenções produz um resto. Desta forma, o resíduo é indissociável dos agrupamentos humanos e, conseqüentemente, da cultura.

Apesar de o lixo não ser algo específico da modernidade, o mundo hoje vive sob o domínio da dimensão do artificial sobre o natural, uma característica determinante do mundo capitalista. Os resíduos sólidos, por integrarem a cadeia de produção e consumo próprios do nosso tempo, pós-industrialização, estendem-se por todo o planeta e, por serem, em sua maioria, artificiais, resistem à degradação.

Então, levando-se em consideração o aumento da geração de resíduos sólidos no mundo atual, verifica-se, devido ao agigantamento do volume produzido diariamente, uma necessidade cada vez mais urgente de afastá-los de uma inoportuna convivência com os humanos. Nesse cenário pode emergir a seguinte indagação: afinal, para onde devemos encaminhar o que sobra de todo esse processo?

Isso remete à questão da gestão dos resíduos sólidos. Essa questão, além de ser um problema técnico, possui também outras implicações. Ao lixo se articulam questionamentos a respeito das expectativas humanas diante do mundo e da visão que se tem dele e de seu papel na dinâmica da sociedade. No mundo ocidental, a noção de lixo está marcada por uma trama simbólica de valores pejorativos e, por isso, incompatível

com a convivência social. Nesse sentido, é pertinente investigar também as relações que existem entre “resíduo”, “resto” e “modo de vida”.

Através da ampliação do conceito de lixo e da trajetória por ele assumida ao longo do tempo, pretende-se estabelecer uma relação entre resíduo e resto. O resto é um conceito psicanalítico que designa o que sobra das operações psíquicas vividas por todos os sujeitos. Levanta-se a hipótese de que o sujeito lida com o lixo da mesma forma com que lida com seus restos. Para avaliar a consistência dessa hipótese, foi realizada uma pesquisa de campo na comunidade do Azevedo, situada na zona rural do município de Moeda – MG, encosta oeste da Serra da Moeda. Os conceitos da análise ambiental são utilizados para lidar com os dados levantados. Desse empenho, resultou um diagnóstico socioeconômico e ambiental da região estudada.

### **Resíduos, restos e destinação**

Resíduo é o que resta de qualquer substância: é um resto. Para a Psicanálise, “resto” também tem um significado relevante, pois está presente em todas as operações psíquicas realizadas pelo sujeito como aquilo que sobra e, portanto, permanece exigindo trabalho. Na relação que o sujeito estabelece com o Outro – (no qual se localiza o campo da linguagem, das imagens formadoras para cada ser falante, portanto é um lugar de radical alteridade em relação ao sujeito) sempre se tenta responder à questão: “O que queres tu de mim?”. Na tentativa de encontrar um objeto que o complete sempre “sobra” algo que não encaixa. A lógica analítica privilegia a escuta disso que se pretende deixar de fora para que o enlace social se faça, ou seja, disso que, quando sobra, se assemelha a um resíduo, como o que aparece na operação matemática de divisão de um número que não é “exato”.

Não é por acaso que o trato com os resíduos provoca tanto mal-estar. Ao lado do caráter histórico agregado ao que é considerado “resto”, existem implicações articuladas ao universo cultural e psíquico (para a psicanálise um é relativo ao outro). Ele não pode ser aferido unicamente dos critérios técnicos e objetivos. Isso porque as referências que governam os procedimentos e constroem a percepção do lixo são endossadas por modelos imaginários, indispensáveis para a compreensão das nuances relacionadas aos resíduos.

### **A presença dos resíduos sólidos**

Como dito na introdução deste trabalho, o lixo está presente em toda parte do planeta e, portanto, também na zona rural: onde se pode percebê-lo ao longo das estradas, dos córregos, nas nascentes, nos quintais, nos pastos, nas áreas de cultivo, em toda parte, mesmo em locais aprazíveis. Apesar de esse problema ser abordado e estudado em diversas áreas do conhecimento e por certas instituições, de muitos trabalhos de gestão, gerenciamento, educação ambiental e mecanismos de coleta, mesmo quando se tem o apoio da população local, ainda não se verifica uma inversão da situação, continuando o lixo a marcar sua presença negativa nesses ambientes.

Além disso, apesar do comportamento poluidor das pessoas em relação ao sua localidade de residência, para elas, é indiscutível a importância do local onde moram. Daí cabe perguntar: por que agem dessa forma? Será que o modo como as pessoas lidam com seus “restos”, a saber, seus “restos psíquicos”, reflete-se também no modo como lidam com seus “resíduos sólidos”? E quanto ao modo de vida, pode-se afirmar que ele é influenciado por essa mesma relação? Levanta-se aqui a hipótese de que a forma com que uma pessoa lida com o “lixo” ou seus “resíduos” é marcada pela relação que ela estabelece com os seus “restos psíquicos”. E isso, por sua vez, influencia e é influenciado pelos modos de vida que se estabelecem nas localidades.

### **Destinação dos resíduos sólidos**

A geração de resíduos leva à necessidade de afastar os resíduos sólidos de uma inoportuna convivência com os humanos. Assim, poder-se-ia indagar: afinal, para onde se deve encaminhar esses resíduos? A destinação deles deveria ser tão múltipla quanto heterogênea, visto que são diversos os tipos de resíduos; o que demanda diversas modalidades de destinação final.

Ao se pensar a respeito do destino para os resíduos, nota-se que estamos unidos eternamente ao mundo dos objetos materiais. Vários são os momentos em que se revelam essa percepção. Esse vínculo tem uma contrapartida na transformação do ambiente e na perpetuação da esfera do artificial.

Do ponto de vista legal, tem-se atualmente nas leis federal e estadual a definição de destinação final ambientalmente adequada dos resíduos sólidos, visando

garantir o encaminhamento para que sejam submetidos a processos adequados (reutilização e reaproveitamento, reciclagem, compostagem, geração de energia, tratamento ou disposição final), de acordo com a natureza e as características dos resíduos, de modo a evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança e a minimizar os impactos ambientais – Lei 18.031/2009 (MINAS GERAIS, 2009) e Lei 12.305/2010 (BRASIL, 2010).

Portanto, a destinação final tem desdobramentos técnicos, sociais e ambientais, diferentes de um caso para outro (ABNT, 1992; CINTRA, 1994; CINTRA, 2003; EIGENHEER, 2003; IBAM, 2004; WALDMAN, 2006; FREIRE, 2009).

Talvez o maior problema atual da destinação final esteja associado ao aumento acelerado da quantidade de lixo produzido.<sup>1</sup>

Waldman (2010) defende a ideia do reaproveitamento dos resíduos sólidos como um convite à reflexão do conceito tradicional de lixo, que proporciona o debate da alteração de hábitos visando à redução dos resíduos e a otimização dos materiais.

A compostagem, forma de tratamento biológico da parcela orgânica do lixo que permite uma redução de volume dos resíduos e a transformação deles em composto a ser utilizado na agricultura, como condicionante do solo, é uma forma de destinação final ambientalmente adequada e apropriada, em razão da composição do lixo brasileiro (em torno de 50% de matéria orgânica) e da diminuição de materiais a serem aterrados.

Outra forma de destinação final de resíduos é a coleta seletiva, que permite a reciclagem. A reciclagem é também um método de destinação adequada e apropriada em relação ao meio ambiente, uma vez que, além de diminuir a quantidade de resíduos enviados a aterros sanitários, reduz a necessidade de extração de matéria-prima diretamente da natureza. No entanto, a reciclagem também precisa ser repensada. Uma das construções imaginárias nos dias de hoje é o mito da reciclagem infinita, concepção,

---

<sup>1</sup>Cabe salientar que também a psicanálise pensa a respeito disso, que é um dos maiores problemas dos nossos tempos: esse aumento desenfreado do consumo. Essa é a lógica do capitalismo e Freud fala disso no texto sobre “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1974). Também Lacan associa essa lógica à estrutura do discurso capitalista. O discurso capitalista produz objetos que visam à saturação do sujeito tamponando sua falta com *gadgets*, que se propõem como objetos “prontos” para o gozo, anulando toda questão sobre o desejo. Esse modo de laço social faz crer que é possível ao sujeito encontrar em um objeto sua satisfação, afirma Quinet (1999). A estrutura do discurso forja esse consumo. É o estágio civilizatório no qual nos encontramos. Estamos vivendo o momento em que tudo é criado para estragar. Mas não nos damos conta de que isso produz montanhas de lixo.

aliás, reforçada pela própria simbologia, que induz a ideia de um ciclo fechado, como se os materiais pudessem ser indefinidamente recolocados em circulação. Seu símbolo é uma figura matemática, denominada banda de Moebius, um modelo matemático topológico criado pelo matemático alemão August Ferdinand Moebius (1790-1868) e adaptado por Gary Anderson, no final dos anos 1960, para a representação da reciclagem.

A psicanálise também se vale da banda de Moebius para pensar a estrutura do sujeito. Lacan se utiliza da lógica moebiana para localizar o resto como o inservível, aquilo que não serve para nada, que, no entanto, não cessa de não se inscrever na linguagem (LACAN, 2005), aparecendo constantemente na estrutura psíquica e exigindo uma destinação.<sup>2</sup>

Assim, embora os benefícios obtidos com a reciclagem sejam questionáveis, a associação da atividade recicladora com a defesa do meio ambiente no imaginário social é forte a ponto de se imaginar que é um procedimento que não impacta o ambiente. Trata-se do resultado de uma bem-sucedida campanha de *marketing*, que proporcionou fama a essa atividade. Contudo, como dito anteriormente, ela, como toda e qualquer atividade humana, consome água, energia e gera resíduo.

Também pela lógica analítica esse tema merece ser repensado, pois, para a psicanálise, existem alguns processos que são irreversíveis. Portanto, essa ideia de que na natureza nada se perde tudo se transforma eternamente, que marca o símbolo da reciclagem, não se confirma: há perdas, e algumas são para sempre.

### **De quem é a responsabilidade de gerenciar os resíduos sólidos?**

Afinal, de quem é a responsabilidade de cuidar do meu lixo? Uma resposta que infelizmente é comum em nosso meio encontra-se implicitamente na cantiga de roda,

Se essa rua fosse minha eu mandava ladrilhar, com pedrinhas de brilhante  
para o meu amor passar (Cantiga de Roda do Folclore Brasileiro).

---

<sup>2</sup>A banda de Moebius escreve a estrutura do sujeito e assim o faz por ser unilátera. Nessa figura o dentro e o fora estão em continuidade. Não há diferença entre um lado e outro e é justamente essa propriedade que faz com que Lacan a utilize para se referir à estrutura do sujeito. (LACAN, 2005)

ou seja, “se essa rua fosse minha eu ...” cuidava! Mas como não é ... quem deve cuidar?

Presente em todos os instantes que marcam a vida humana, mais cedo ou mais tarde o lixo reclama medidas de gestão.

A responsabilidade pela coleta e destinação do resíduo gerado pode variar de estado para estado e de município para município, de acordo com a legislação local, mas geralmente admitem a seguinte distribuição: os municípios são responsáveis pela coleta e destinação dos resíduos domiciliares, comerciais e públicos, enquanto, na maioria das vezes, os resíduos de serviços de saúde, indústria, portos, aeroportos, terminais ferroviários e rodoviários, agrícolas e os entulhos, são de responsabilidade de quem os gerou.

Tem-se hoje no Brasil a Lei que instituiu a Política Nacional dos Resíduos Sólidos – Lei 12.305/2010 (BRASIL, 2010), que estabelece responsabilidades compartilhadas entre governo, indústria, comércio e consumidores sobre o destino final dos resíduos. A lei determina que a União, estados e municípios elaborem planos para tratar de resíduos sólidos, estabelecendo metas e programas de reciclagem e proíbe práticas tais como o lançamento de resíduos em praias, no mar ou rios e lagos, o lançamento a céu aberto de resíduos sem tratamento, exceto no caso da mineração; e a queima a céu aberto ou em equipamentos não licenciados. Proíbe ainda a importação de resíduos perigosos ou causadores de danos ao meio ambiente e à saúde pública.

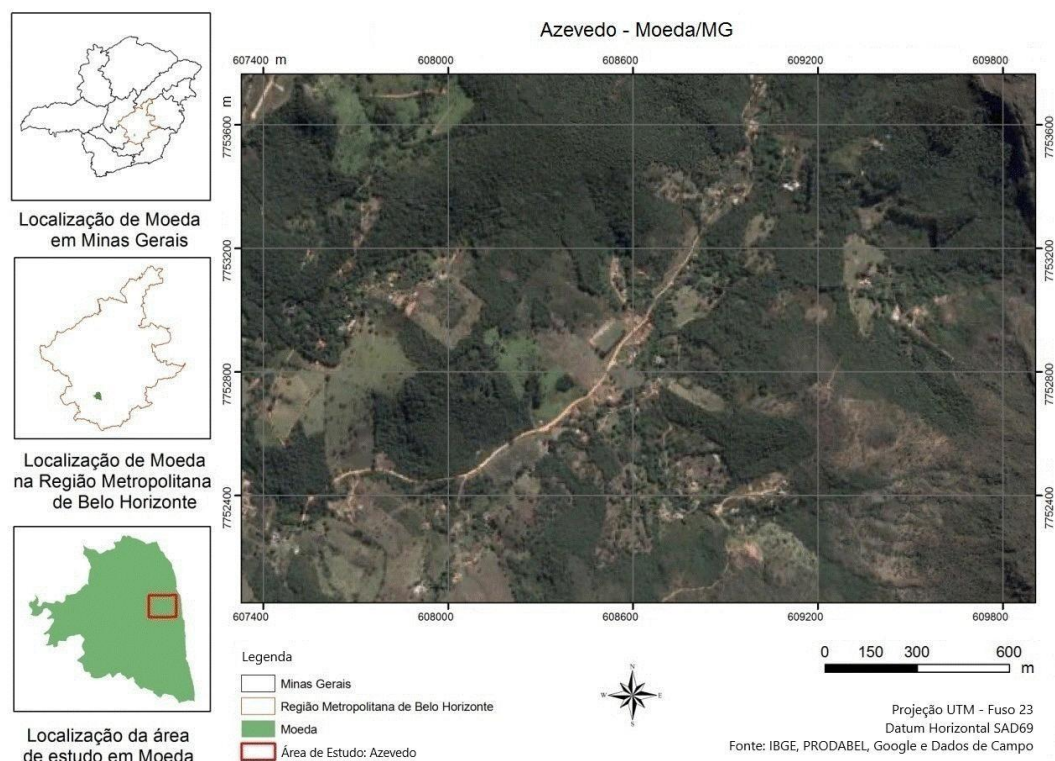
A despeito dos avanços conseguidos pelo poder público no que concerne às leis que deliberam sobre o gerenciamento dos resíduos sólidos, Rodrigues (1998) afirma que, mediante o conceito de lixo que vigora no cotidiano, as pessoas não se percebem como geradoras dos subprodutos do que consomem, nem como responsáveis pelo destino que será dado a esses subprodutos, atribuindo ao Poder Público a solução do problema. Seria necessária a compreensão de que já que todo lixo é matéria, esteja ele em estado sólido, líquido ou gasoso, em qualquer sistema, físico ou químico, nunca se cria nem se elimina matéria, é apenas possível transformá-la, segundo Morin (2007). Então, não basta afastar o lixo do convívio humano. É preciso dar-lhe um tratamento adequado, já que ele não irá desaparecer, o que significa repensar o consumo para produzir menos resíduos. E só os próprios indivíduos, geradores do resíduo, podem

repensar o consumo, ou seja, cada um é, ou deveria ser, responsável pelo lixo que produz.

**Sobre a área de estudo**

Para avaliar a consistência da hipótese deste trabalho, o local escolhido é a comunidade rural do Azevedo – uma antiga comunidade no município de Moeda – MG, localizada na encosta oeste da Serra da Moeda, distante cerca de 20 km da sede do município e 50 km de Belo Horizonte. Sua área está localizada na zona de amortecimento<sup>3</sup>, tombada pelo município como Patrimônio Histórico e Paisagístico. Azevedo também sedia uma Reserva Biológica<sup>4</sup>. Na Figura 1 é apresentada uma carta-imagem e a localização dessa área.

**Figura 1:** Mapa de localização da área de estudo.



Fonte: Elaborado pelos autores

<sup>3</sup>Zona de amortecimento: o entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade (BRASIL, 2000; BRASIL, 2004).

<sup>4</sup>Decreto Municipal nº 6/2004, de 25 de junho de 2004.

Por sua localização geográfica (em meio a montanhas e com estradas precárias que ligavam a região à Moeda ou mesmo a Belo Horizonte) sempre foi difícil o contato de Moeda com o mundo exterior. Isso criou por ali uma cultura própria que se manteve assim por muito tempo. “[...] Até bem pouco tempo atrás não existia lixo no Azevedo”, disse um homem de menos de 40 anos. Ele relatou que quase tudo de que se necessitava era produzido em casa, ou nos arredores e, portanto, não havia embalagem ou invólucro artificial.

Segundo vários relatos, “o lixo surgiu quando passou a ter facilidade de comprar na cidade”, com a possibilidade de ir pela estrada asfaltada para a cidade de Moeda. Isso se deu nos anos 1980, ou seja, há pouco mais de 35 anos. “As pessoas acharam mais fácil comprar do que produzir”, declara um senhor de mais de 80 anos. Onde antes era uma região em que o dinheiro não era à base da vida familiar e, portanto vivia-se com simplicidade, dignidade e fartura, passou a ser considerada uma região quase pobre: agora era preciso dinheiro para pagar o que antes se produzia.

O município de Moeda (onde está localizada a comunidade do Azevedo), com uma população de 4.689 habitantes (IBGE, 2010), produz cerca de uma tonelada de lixo ao dia, segundo dados fornecidos pela prefeitura do município.

Na comunidade do Azevedo, existem dois locais públicos para disposição de resíduos sólidos. Uma caçamba, de responsabilidade da Prefeitura Municipal, e uma lixeira construída pela Associação do Meio Ambiente de Moeda (AMA-Moeda). Apesar de a caçamba existir desde 2004, foi somente com a implantação da lixeira em 2008 que a comunidade começou a se organizar, minimamente, para a sistematização da coleta do lixo. Ambos os locais recebem todos os tipos de resíduos (orgânicos, plásticos, metais, vidros, papéis e outros), uma vez que não há na região nenhum tipo de coleta seletiva.

A caçamba está situada no principal ponto de lazer da comunidade: em frente ao “bar” e ao lado do campo de futebol e da escola. Ali também se localiza o ponto final do ônibus. A lixeira foi construída em 2008, no local onde a população já “deixava” os resíduos, em frente de uma cachoeira, numa bifurcação da estrada que liga o Azevedo à estrada asfaltada para Moeda e para Belo Horizonte, local de grande circulação de pessoas e automóveis.

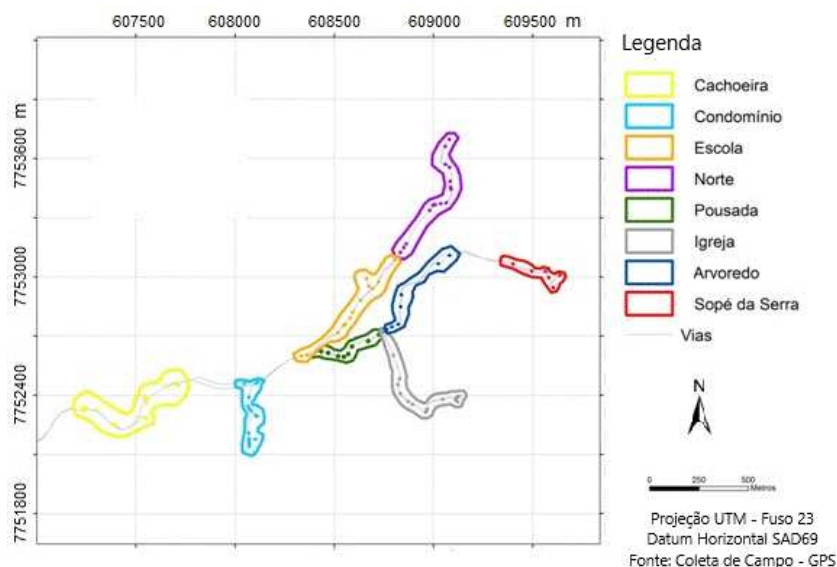
Apesar de estarem localizadas em pontos estratégicos, ao longo da via principal, a lixeira e a caçamba estão distantes da maioria das residências. Visto que as casas estão distribuídas ao longo de vias secundárias estreitas e de difícil acesso, além de afastadas umas das outras, essa distância desfavorece a utilização das lixeiras pelos moradores, principalmente pela dificuldade em transportar os resíduos até elas.

### A pesquisa

Para a análise da relação entre resíduo e resto, dividiu-se a comunidade do Azevedo em oito regiões, de acordo com a localização geográfica e as características percebidas em entrevistas com moradores dessa comunidade. Esses dois critérios (localização geográfica e características) foram utilizados para dar nome a cada uma das oito regiões. Portanto, a análise foi feita, observando-se a área delimitada para cada região, como mostrado no mapa da Figura 2.

Para essa análise, são utilizados os dados obtidos em entrevistas com moradores dessa comunidade e as representações espaciais desses dados, considerando que a componente espacial (“onde”) pode oferecer informações adicionais. A comparação dos dados e as representações espaciais, na análise das oito regiões, e a incidência dos fenômenos em cada uma delas, permite uma visão integrada da região observada.

**Figura 2:** Mapa das regiões de análise: Azevedo – Moeda/MG.



Foram levantadas seis premissas, as quais nortearam o trabalho de campo e a análise dos dados, com base na hipótese inicial: “A forma como uma pessoa lida com o lixo é marcada pela relação que ela estabelece com os seus ‘restos psíquicos’, o que influencia e é influenciado pelo modo de vida que se instaura numa região”:

- i. Ao estudo do lixo articulam-se questionamentos a respeito das expectativas diante do mundo e da visão sobre os resíduos e seu papel na dinâmica da sociedade. Vive-se um paradoxo: consumir cada vez mais e ao mesmo tempo evitar que o produto final desse consumo – o lixo – nos ameace e destrua. Por essa razão, cabe aproximar o questionamento entre qualidade de vida e a lógica do consumo.
- ii. Quando afastamos o lixo de nossas casas, ele leva consigo algo do que fomos ou somos. Um sujeito também se define através do que ele joga fora e dos “lixos” que guarda em seu lar, escondido dos olhares dos outros. Assim, pode-se pensar que o lixo de cada um é mais revelador do que os objetos idealizados de consumo.
- iii. A importância de se considerar os resíduos sólidos na vida e na história da civilização. Onde há lixo, há homens. O lixo é simultaneamente o que mais deixamos para a posteridade e o que menos reconhecemos como nosso. Isso nos embaraça e constrange. Se pudéssemos, consideraríamos a produção de resíduos como produto de mentes pouco ecológicas devendo ser reduzido ao mínimo e afastado para bem longe por seres quase “inumanos”.
- iv. A noção de lixo no mundo ocidental capitalista, em geral, está marcada por uma trama simbólica de valores pejorativos e incompatíveis com a convivência social. O trato com os resíduos provoca mal-estar, não podendo ser aferido unicamente com base em critérios técnicos e objetivos, por que as referências que governam os procedimentos e constroem a percepção do lixo são endossadas por modelos imaginários, indispensáveis para a compreensão das nuances relacionadas com os restos. Essa visão de mundo exalta traços tidos como desejáveis, tais como o humano, o masculino, o europeu, o novo, o claro, a força, o bem. Em paralelo, desqualifica o animal, o feminino, o africano, o velho, o escuro, a fraqueza, o mau, o feio, com adereços pejorativos.
- v. A modernidade ocidental tenta evitar o drama da morte em seu cotidiano: seja com a profissionalização das estruturas médico-hospitalares e cemiteriais, seja pelo esforço do “sempre novo” da era do consumo. Sendo assim, é possível que o lixo apareça (ao remeter à degenerescência das produções e do corpo) como ameaça a esse esforço de esquecimento da morte, devendo ser por isso mantido afastado e neutralizado. Também se escamoteiam outros aspectos da vida que remetam à mesma função: doentes, velhos, miseráveis, inválidos, áreas decadentes, merecem ser igualmente encarados como indesejáveis e, portanto, devem ser evitados.
- vi. É fundamental construir um “saber-fazer” na situação, ou seja, dar tratamento aos seus restos.

**Resultados**

Foram coletados e analisados dados e informações sobre a destinação final dos resíduos sólidos na área estudo. Assim como, a postura da comunidade diante dos problemas envolvendo o lixo produzido.

Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, é considerada destinação final o modo como o sujeito na comunidade do Azevedo procede com seus resíduos. Para ele, o percurso de seu lixo “termina” na lixeira. Mesmo sabendo que o lixo será encaminhado para outro lugar.

De acordo com os dados obtidos nas entrevistas, as modalidades de destinação final dos resíduos sólidos adotadas no Azevedo são: compostagem, alimentação de animais (cachorro, galinha, vaca, porco, gato), queima e deposição em lixeira pública.

Quanto à compostagem, tem-se apenas uma pequena parcela dos entrevistados (4%) que a realizam.

Entretanto, das informações sobre os hábitos de cultivo de alimentos, tem-se que: 46% dos entrevistados cultivam hortaliças no quintal, 54% cultivam frutas e 10% cultivam outros tipos de alimentos (milho, feijão, mandioca etc). Conforme esses dados, pode-se inferir que o uso da compostagem no cultivo é baixo.

Com base nessas observações, podem-se levantar as seguintes questões:

1. O não uso dos resíduos orgânicos na produção de composto demonstra uma falta de conhecimento da importância da adubação e nutrição do solo com matéria orgânica?
2. Ou, existe uma desinformação quanto ao processo de transformação de lixo orgânico em adubo para a terra?
3. Além da desinformação, podem existir outras razões que levam a não agirem de forma ambientalmente adequada com seus resíduos?

Embora esse seja um tema que mereça ser mais bem estudado nessa comunidade, conforme abordado anteriormente nessa seção “um sujeito também se define através do que ele joga fora e dos ‘lixos’ que guarda em seu lar”. Neste caso, não

“guardar” matéria orgânica para fazer bom uso dela e, ao contrário, dispensá-la na lixeira demonstra também uma forma de lidar com o resto. Existe, além de uma ignorância sobre o assunto (o que comportaria instrução sobre o tema), um descuido com o meio ambiente que está à sua volta, por não perceberem os danos causados pela matéria orgânica exposta sem tratamento nas lixeiras públicas e posteriormente nos lixões e aterros. Também é criada com isso uma situação de mal-estar por não fazerem o correto. A psicanálise ensina que não bastaria informar sobre o tema para que a situação se transforme, visto que um sujeito bem informado também faz o malfeito.

Ainda quanto à destinação dos resíduos orgânicos, outra forma de seu aproveitamento é a utilização para alimentar os animais. Tem-se que 85% dos entrevistados utilizam esses resíduos para alimentar os animais (cachorro, gato, galinha, vaca, porco).

Analisando a utilização de resíduos para alimentação de animais e comparando esse item com outras informações obtidas nas entrevistas, tem-se que a maioria dos entrevistados possui cachorro (75%). A segunda maior frequência é de galinhas (63%), seguida de vaca (19%), gato (13%) e porco (12%). Dessa forma, tem-se que essa modalidade de destinação dos resíduos é bastante praticada na região, tendo margem, todavia, para aumentar. Com esse aumento, as famílias teriam a possibilidade de criar maior número de animais (principalmente galinha e porco), contribuindo assim para uma maior fartura e variedade alimentar.

Cabe então analisar os índices de avaliação de fartura e variedade alimentar. Nas entrevistas, foi pedido aos entrevistados que valorassem a fartura e a variedade alimentar (de zero a dez). Segundo os relatos dos entrevistados, somente 10% da população apresenta baixos índices de avaliação nesses dois quesitos. Isso indica que as pessoas na comunidade do Azevedo consideram que sua alimentação, tanto do ponto de vista da fartura quanto da variedade, é boa.

Se a destinação dos resíduos orgânicos, no entanto, for mais bem aproveitada, esses índices tendem a melhorar, uma vez que isso propiciaria, além de um possível aumento de renda, advindo da venda de produtos de origem animal e vegetal, uma melhoria quanto à qualidade (através da produção de alimentos orgânicos), quantidade e fartura.

Das informações sobre a renda mensal das famílias, tem-se que a região se caracteriza por ter, em sua grande maioria, famílias que ganham até três salários mínimos (94%). Levando em consideração essa informação, supõe-se que um aumento na renda advindo da venda de produtos de origem animal e vegetal contribuiria positivamente no orçamento familiar.

A renda familiar é, de certo modo, uniforme na região. Mas cabe notar como são variadas as formas de lidar com ela. Para alguns, é mais que o suficiente para se ter uma boa qualidade de vida: possuem fartura em tudo que precisam para viver, a casa é organizada e o quintal é próspero. A ênfase dessas famílias recai na produção e não no consumo. Já para outras é pouco e vivem com a sensação de pobreza: isso se traduz na forma como organizam a casa e seu entorno; não produzem quase nada e, portanto, precisam comprar tudo. A ênfase está no consumo.

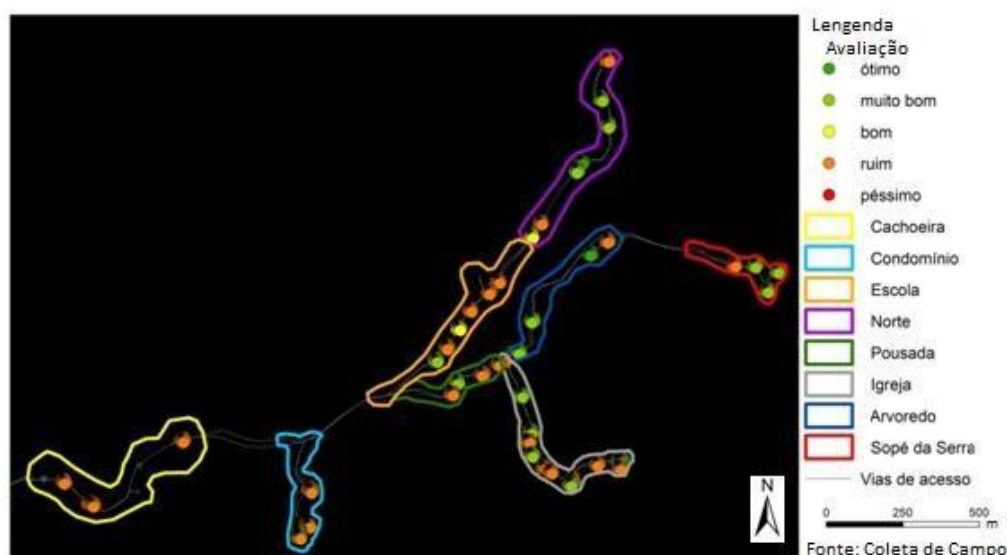
Quanto à modalidade de destinação “queima”, um pouco mais da metade faz uso dessa prática: 52% dos entrevistados queimam o lixo. Quanto ao uso das lixeiras públicas, 63% dos entrevistados afirmam utilizar a lixeira ou a caçamba para descartar seus resíduos.

Nenhum dos entrevistados respondeu que “joga seu lixo no rio”, porém são encontrados, com frequência, sacos plásticos, garrafas plásticas e outras embalagens às margens dos corpos d’água da região. Isso pode indicar que há um constrangimento em ter esse tipo de atitude, ou seja, pode-se inferir que as pessoas dessa comunidade se sentem constrangidas por fazerem algo que, de alguma forma, pensam que não é correto, apesar de continuarem fazendo, como mostram as evidências em campo. O resto se traduz como forma de mal-estar por não se fazer o que se diz ser o correto, e também por assumir publicamente uma realidade que não corresponde ao que é observável.

Para poder tecer considerações sobre o perfil da região quanto à destinação dos resíduos, é útil representar a distribuição espacial das modalidades adotadas pelos entrevistados. Para isto, foi realizada uma análise, considerando as quatro modalidades de destinação dos resíduos sólidos, valorando com nota 10 a presença de procedimentos ambientalmente adequados e com a nota zero a ausência deles. Na Figura 3, que consiste na representação espacial da avaliação da destinação do lixo, verifica-se que a

região possui um comportamento homogêneo quanto à destinação do lixo, ou seja, não existe da parte dos pesquisados nenhuma avaliação ótima, nem péssima. Em todas as oito regiões, as várias modalidades de destinação dos resíduos estão presentes.

**Figura 3:** Representação espacial da avaliação da destinação do lixo em Azevedo – Moeda/MG.<sup>5</sup>



Fonte: Elaborado pelos autores.

### Considerações finais

Um sujeito se define por seus rastros, suas pegadas, pelas marcas que deixa por onde passa. As escolhas que faz e a forma como sustenta essas escolhas permite compreender a estrutura de um sujeito. É a elas que se pode associar a produção de resíduos, visto serem eles frutos do consumo e, portanto, do que se escolheu. Assim se associam lixo e memória, esta como um rastro do passado. O que se fez nesta pesquisa foi procurar esses rastros na comunidade. Através de seus esgotos, monturos, aterros, lixões, pode-se saber como foi determinada sociedade: como as pessoas viveram; o que valorizaram; o que descartaram; os hábitos que tiveram, aquilo que se escondeu e o que se revelou.

Por todos os quintais visitados, a presença dos resíduos sólidos se fez notar. A maioria dos resíduos encontrados é proveniente de alimentos industrializados ou produtos de higiene. Isso denuncia uma mudança de hábitos que marca o meio rural, ou

<sup>5</sup> Nessa figura foi escolhido o fundo preto para melhor visualização dos caminhos e dos pontos, em função da escala.

seja, as pessoas no campo por vezes estão preferindo comprar os alimentos ou produtos em vez de produzi-los ou prepará-los. Isso aponta para um ciclo de artificialidade, que por ora se transmite para as novas gerações. Assim, o consumo se instala como algo almejado e desejado. A “era do consumo” marca as famílias de várias maneiras. Por exemplo, no desconhecimento das técnicas de compostagem para aproveitamento dos resíduos sólidos orgânicos, técnica tão antiga quanto a agricultura, e quase não é mais praticada pelas famílias entrevistadas. O incentivo à produção de composto na região pode ajudar no resgate de hábitos e modo de vida, além de criar solos férteis para plantar. Por meio desse procedimento, as famílias podem reiniciar um novo ciclo de relação com a terra, bem como com a produção e o consumo. Ao se reciclar um tipo de resíduo, pode-se abrir o questionamento a todos os tipos de “lixo” produzidos na propriedade e, com isso, questionar também os valores e hábitos da família que levam à produção desse lixo, ou seja, ao consumo.

Por sua vez, questionados os hábitos de consumo, talvez seja possível alterar os modos de inserção na cultura e no mundo. Se não for essencial “consumir cada vez mais para ser feliz”, as famílias talvez se estruturam de outras maneiras. Os valores mudam de acordo com o que se almeja. Uma gama enorme de fatores psíquicos, sociais e históricos, nos quais o sujeito humano se insere, determina a produção do valor e, logo, do desejável. Pode o poder público, associado às organizações de base (sindicatos, cooperativas, associações de moradores etc.) e às instituições civis (partidos políticos, escola, igrejas etc.), fazer frente a esse imperativo do consumo? Seria possível, ao lado da ordem financeira baseada nas trocas monetárias, ressurgir outras trocas?

A psicanálise permite traçar uma preciosa relação entre os atos, suas origens e consequências. Juntamente com outros campos do conhecimento, ela pode focar, além do sujeito, também um povoado, uma comunidade, uma região. O saber psicanalítico permite ler para além do que está dito e, sobretudo nos convida a ver principalmente o que não está dito, mas marca um lugar de mal-estar. A psicanálise é um saber que se ocupa disso, não para escondê-lo, recalá-lo, mas de modo a dar tratamento a ele.

Esse mal-estar ficou evidente em muitos trechos das entrevistas. Ficaram evidentes as ambiguidades e o que se queria mostrar ou esconder. As pessoas escondem o que não acham correto; porém, o mal-estar gerado por fazerem algo que elas consideram errado não as impede, no entanto, de continuar a fazê-lo.

Foram levantadas algumas hipóteses sobre o relacionamento das pessoas com o que é considerado ruim e vergonhoso (por exemplo: o ato de jogar lixo no rio, produzir lixo orgânico etc.). No caso de uma comunidade, essa escuta é impossível sem o cruzamento dos dados que fazem surgir as informações não ditas de forma explícita, mas deixadas nas entrelinhas do discurso.

Outro exemplo em que foi possível constatar tal fato refere-se ao tema da renda mensal. Observou-se que na região existe uma homogeneidade quanto à renda, o que faz supor que não existam grandes diferenças econômicas. Essa situação fornece um perfil semelhante em toda a comunidade quanto às possibilidades de consumo. Isso, até mesmo, pode dar a impressão de que a comunidade seja ‘pobre’, tendo em vista os valores dos rendimentos (quase todos ganham até três salários mínimos) e alguns dos hábitos e costumes existentes (quanto à estética das moradias, por exemplo). Porém, uma análise mais pormenorizada de outros itens forneceu informações complementares, que indicam a real situação. Trata-se de uma comunidade que possui um bom nível de vida, a julgar, por exemplo, pelo saneamento básico, à moradia, incluindo bens de consumo e alimentação: aí ninguém passa fome, pois não há escassez de alimento. Isso indica que seria possível, com as novas gerações, desenvolver e resgatar antigos hábitos alimentares perdidos, pois o cuidado com a alimentação é uma preocupação dos moradores da região. Apesar da homogeneidade aparente, existem diferenças entre as famílias. Essas diferenças devem ser consideradas no momento de se propor determinadas ações.

Por fim, da análise dos dados, fica o alerta para a importância de “um saber-fazer na situação, ou seja, dar tratamento aos seus restos”. Esse é o caso do propósito desta pesquisa: fazer uma análise de dados utilizando técnicas qualitativas e quantitativas, envolvendo diversos saberes e tendo como fundamento a análise ambiental. Por meio da utilização de modelos (representações simplificadas da realidade) tem-se a definição de problemas e conceitos de forma mais clara e também, um meio para análise de dados e comunicação de resultados com melhor aproveitamento por profissionais de diversos setores. Isso possibilita extrair orientações sobre o que fazer na área de estudo quanto ao problema dos resíduos sólidos e também, quanto à situação socioeconômica ambiental. Um saber-fazer na situação do Azevedo passará por uma participação maior da comunidade no trabalho que irá produzir um

saber sobre eles próprios – só um sujeito (e a comunidade é o sujeito nessa situação) pode dizer o que é bom para si.

### Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 8.419*: apresentação de projetos de aterros sanitários de resíduos sólidos urbanos: Procedimento. Rio de Janeiro, abril, 1992. 7 p.

BRASIL. *Lei 12.305, de 2 de agosto de 2010*. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Diário Oficial da União. 3 de ago. 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. *Lei 9.985, de 18 de julho de 2000*. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial da União. 19 de jul. 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9985.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. *Decreto 5.092, de 21 de maio de 2004*. Define regras para identificação de áreas prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade, no âmbito das atribuições do Ministério do Meio Ambiente. Diário Oficial da União. 24 de maio 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5092.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5092.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CINTRA, I. S. *Um estudo da característica física dos resíduos sólidos domésticos do bairro Cidade Nova em Belo Horizonte – MG*. 1994. 92 p. Dissertação (Mestrado em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. 1994.

\_\_\_\_\_. *Estudo da influência da recirculação de chorume Cdu e chorume inoculado na aceleração do processo de digestão anaeróbia de resíduos sólidos urbanos*. 2003. 352 p. Tese (Doutorado em Saneamento Meio Ambiente e Recursos Hídricos) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2003.

EIGENHEER, E. M. *Lixo, vanitas e morte: considerações de um observador de resíduos*. Niterói: EdUFF, 2003. 195 p.

FREIRE, G. J. M. *Análise de municípios mineiros quanto à situação de seus lixões*. 2009. 117 p. Dissertação (Mestrado em Análise e Modelagem de Sistemas Ambientais) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.csr.ufmg.br/modelagem/dissertacoes/gersonfreire.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, p. 81-171. (Trabalho original publicado em 1930).

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL (IBAM). *Gestão integrada de resíduos sólidos: manual gerenciamento integrado de resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Administração Municipal/Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República [SEDU/PR], 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Populacional 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MINAS GERAIS. *Lei 18.031, de 12 de janeiro de 2009*. Dispõe sobre a Política Estadual de Resíduos Sólidos para o Estado de Minas Gerais. Diário do Executivo de Minas Gerais. 13 de jan. 2009. Disponível em: <<http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=9272>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 12ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007. 118 p.

QUINET, A. *A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade*. 1999. Disponível em: <<http://lacanian.memory.online.fr/AQuinet-ciencia.rtf>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

RODRIGUES, A. M. *Produção e consumo do e no espaço ambiental: problemática ambiental urbana*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

WALDMAN, M. *Água e metrópole: limites e expectativas do tempo*. 2006. 406 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-20062007-152538/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

\_\_\_\_\_. *Lixo: cenários e desafios*. São Paulo: Editora Cortez, 2010. 231 p.

**ERRATA**

- Na *Capa* da revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019:

Onde se lia:

“Janeiro - Junho de 2019 vol. 27 - nº 1, 2019”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019”

- Na *Ficha catalográfica* da revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019:

Onde se lia:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Vol. 27 nº 1 (Jan-Jun) 2019 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2019”

Leia-se:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Vol. 15 nº 1 (Jan-Jun) 2019 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2019”

- No artigo *A proteção de mananciais na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG) os desafios de compatibilização entre usos da terra e da água na Área de Proteção Especial (APE) Taboões*, de autoria de Felipe Gabriel Silva Alves, Catharina de Oliveira Maia, Gabriel Lucas Vieira Lazaro, Guilherme Eduardo Macedo Cota e Antônio Pereira Magalhães Júnior, publicado na revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.27, n.1, 2019”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019”

- No artigo *Cidade hostil*, de autoria de Shayenne Barbosa Dias e Cláudio Roberto de Jesus, publicado na revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.27, n.1, 2019”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019”

- No artigo *Índice de vulnerabilidade das políticas sociais para o município de Belo Horizonte/MG*, de autoria de Pedro Henrique de Souza Oliveira, Plínio da Costa Temba, Marcelo Antonio Nero, Karla Albuquerque de Vasconcelos Borges, Marcos Antonio Timbó Elmiro e Sandra Cristina Deodoro, publicado na revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.27, n.1, 2019”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019”

- No artigo *Ferramenta de pesquisas sobre estabelecimentos baseada na geolocalização: uma proposta para aprimorar a experiência do turista em Tiradentes – MG*, de autoria de Rodrigo Otávio Passos Ferreira e Guilherme Augusto Pereira Malta, publicado na revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.27, n.1, 2019”

Leia-se:

“Revista **Geografias**, v.15, n. 1, jan./jun. 2019”

- No artigo *Análise da relação e da destinação dos resíduos sólidos e dos restos numa comunidade rural*, de autoria de Mônica Martins de Godoy Fonseca e Sergio Donizete Faria, publicado na revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.27, n.1, 2019

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019”

- No artigo *Situação do trabalho análogo à escravidão: análise estatística espacial quanto à vulnerabilidade socioeconômica e à presença de territórios quilombolas em Minas Gerais (2003-2013)*, de autoria de Bernardo Freitas Fantato Gonçalves e Diego Rodrigues Macedo, publicado na revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.27, n.1, 2019”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019”

- No documento *Teses e Dissertações defendidas no Programa de Pós - Graduação em Geografia*, publicado na revista Geografias, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.27, n.1, 2019”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan./jun. 2019”